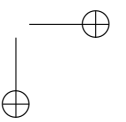
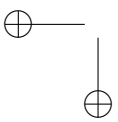
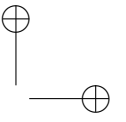
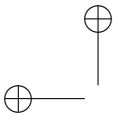


**AS GRANDES CIDADES E
A VIDA DO ESPÍRITO
(1903)**



Georg Simmel

**Tradutor:
Artur Morão**
www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2009

FICHA TÉCNICA

Título: *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito*

Autor: Georg Simmel

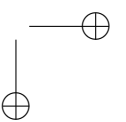
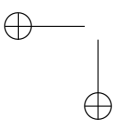
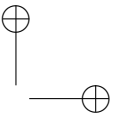
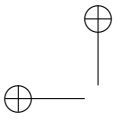
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

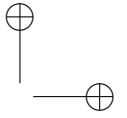
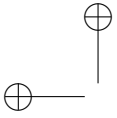
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2009

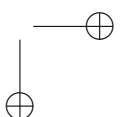
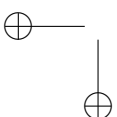


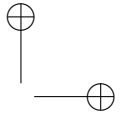
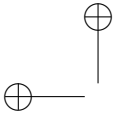


As Grandes Cidades e a Vida do Espírito

Georg Simmel

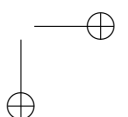
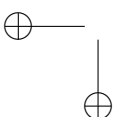
Os problemas mais profundos da vida moderna provêm da pretensão do indivíduo de resguardar a autonomia e a peculiaridade da sua existência em face das prepotências da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida — a última reestruturação a ser alcançada da luta com a natureza, que o homem primitivo teve de levar a cabo em prol da sua existência *corpórea*. Se o século XVIII pôde apelar à emancipação de todos os liames historicamente nascidos no Estado e na religião, na moral e na economia, para que assim se desenvolvesse, sem obstáculos, a natureza originariamente boa, que é a mesma em todos os homens; se o século XIX, além da simples liberdade, reivindicou a particularidade humana da divisão do trabalho e a sua produção, que torna incomparável e, quanto possível, indispensável o indivíduo, mas o amarra assim tanto mais estreitamente ao adimplemento por meio de todos os outros; se Nietzsche viu na mais implacável luta dos singulares a condição para o pleno desenvolvimento dos indivíduos, ou o socialismo a divisou também justamente na repressão de toda a concorrência — em tudo isto actua o mesmo motivo fundamental: a resistência do sujeito a ser nivelado e desgastado num mecanismo técnico-social. Onde os produtos da vida especificamente moderna se indagam na sua interioridade e, por assim dizer,

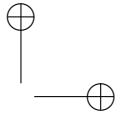
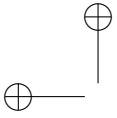




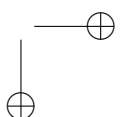
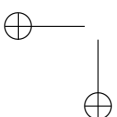
o corpo da cultura se devassa quanto à sua alma — como, hoje, me incumbe a mim em face das nossas grandes cidades —, a resposta à igualização, suscitada por tais formações entre os conteúdos individuais e supra-individuais da vida, há-de auscultar as adaptações da personalidade, mediante as quais ela se acomoda às potências que lhe são exteriores.

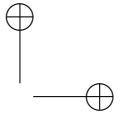
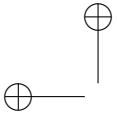
O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades das grandes cidades é a *intensificação da vida nervosa*, que brota da mudança acelerada e ininterrupta das impressões interiores e exteriores. O homem é um ser da diferença, isto é, a sua consciência é espicaçada por meio da distinção da impressão momentânea em face da precedente; as impressões persistentes, a insignificância das suas diferenças, a regularidade habitual do seu decurso e dos seus contrastes desgastam, por assim dizer, menos a consciência do que a apressada aglomeração de imagens mutáveis, a distância brusca no interior daquilo que se abarca com um olhar, o imprevisto das impressões que se impõem. Na medida em que a grande cidade cria justamente estas condições psicológicas — em cada saída à rua, no ritmo e nas diversidades da vida económica, profissional e social —, suscita, já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* de consciência que ela nos prescreve em virtude da nossa organização enquanto seres da diferença, uma oposição profunda frente à pequena cidade e à vida no campo, com ritmo mais lento, mais rotineiro e de fluxo mais uniforme da sua imagem sensível-espiritual da vida. Compreende-se assim sobretudo o carácter intelectualista da vida anímica peculiar à grande cidade, em face do psiquismo consentâneo com a pequena cidade, que se apoia antes no ânimo e nas relações pautadas pelo sentimento. Pois estas radicam nos estratos mais inconscientes da alma e crescem, antes de mais, no equilíbrio ameno de hábitos ininterruptos. Em contrapartida, o lugar do entendimento são os estratos supremos, conscientes, translúcidos da nossa alma; é, das nossas forças internas, a mais capaz de adaptação; para se





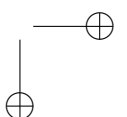
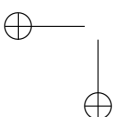
ajustar à mudança e ao contraste dos fenómenos, não precisa das concussões e do revolver interior, graças aos quais apenas saberia o *ânimo* mais conservador conformar-se ao ritmo compassado dos fenómenos. Por isso, o tipo do habitante da grande cidade – finto, naturalmente, por milhares de modificações individuais – cria um órgão protector contra o desenraizamento, com que o ameaçam as correntes e as discrepâncias de seu meio exterior: em vez de lhe resistir com o ânimo, reage sobretudo com o entendimento, ao qual a intensificação da consciência, engendrada pela mesma causa, proporciona a prerrogativa anímica. A reacção àqueles fenómenos desloca-se assim para o órgão psíquico menos sensível e imensamente distante das profundezas da personalidade. Este comedimento do intelecto, reconhecido, pois, como um preservativo da vida subjectiva frente aos gravames da grande cidade, ramifica-se em e com múltiplos fenómenos singulares. As grandes cidades são, desde sempre, o lugar da economia monetária, porque a multiplicidade e a concentração da troca económica conferem ao meio de troca uma importância que não ocorreria na escassez da troca rural. Mas a economia monetária e o domínio do intelecto encontram-se numa relação muito profunda. É-lhes comum a pura objectividade no lidar com os homens e as coisas, em que uma justiça formal acompanha, muitas vezes, uma dureza inexorável. O homem puramente intelectualista é indiferente frente a tudo que é especificamente individual, porque deste emanam relações e reacções que se não esgotam com o entendimento lógico, tal como no princípio monetário não ingressa a individualidade dos fenómenos. De facto, o dinheiro busca apenas aquilo que a todos é comum, o valor de troca, que nivela toda a qualidade e peculiaridade à questão do simples "quanto". Todas as relações anímicas entre as pessoas se fundam na sua individualidade, enquanto as relações intelectivas contam com os homens como com os números, como elementos em si indiferentes, que só possuem um interesse de acordo com as suas capacidades objectivamente consideradas –

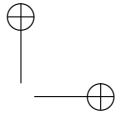
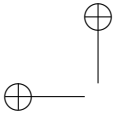




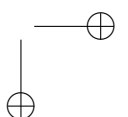
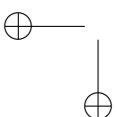
o habitante da grande cidade conta, por ex., com os seus fornecedores e clientes, com os seus moços de recados e, bastantes vezes, com as pessoas do seu trato social obrigatório, em contraste com o carácter do círculo mais restrito, onde o conhecimento inevitável das individualidades suscita também forçosamente uma coloração mais anímica do comportamento, um para-além da mera consideração da prestação de serviço e da retribuição. Aqui, o essencial no recinto da psicologia económica é que, nas relações mais primitivas, se produz para o cliente que encomenda a mercadoria, pelo que produtor e freguês se conhecem mutuamente. A grande cidade moderna, porém, alimenta-se quase inteiramente da produção para o mercado, isto é, para clientes de todo desconhecidos, que nunca se encontram cara a cara com os próprios produtores. O interesse de ambas as partes ganha assim uma objectividade impiedosa, o seu egoísmo económico, intelectualmente calculista, não tem a recear qualquer desvio oriundo dos imponderáveis das relações pessoais. E isso dá-se bem, claro está, com a economia monetária, que domina nas grandes cidades, que expulsa os últimos restos da produção própria e da troca imediata de mercadorias e reduz sempre mais, quotidianamente, o trabalho para o cliente —, numa interacção tão estreita que ninguém saberia dizer se, de início, é aquela constituição intelectualista, anímica, que impele para a economia monetária, ou se esta é o factor determinante daquela. Certo é apenas que a forma de vida da grande cidade é o solo mais frutífero para esta interacção; eis o que eu gostaria ainda de documentar com o dito do mais importante dos historiadores ingleses da Constituição: no decurso de toda a história inglesa, Londres nunca foi considerada como o coração da Inglaterra, mas frequentemente como o seu intelecto e sempre como a sua bolsa!

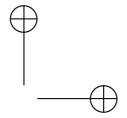
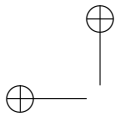
Num traço aparentemente banal da superfície da vida unificam-se, de modo não menos característico, as mesmas correntes anímicas. O espírito moderno tornou-se, cada vez mais, um espírito calculador. Ao ideal da ciência natural de transformar o mundo num





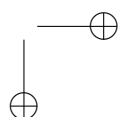
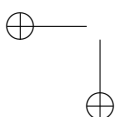
exemplo de cálculo, de fixar cada uma das suas partes em fórmulas matemáticas, corresponde a exactidão calculista da vida prática, nela introduzida pela economia monetária; só esta preencheu o dia de tantos homens com pesagens, cálculos, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos. Mediante a essência calculista do dinheiro chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos compromissos e nos ajustes – tal como, externamente, foi propiciada pela difusão geral dos relógios de bolso. Mas a causa e o efeito deste traço essencial são as condições da grande cidade. As relações e as oportunidades do habitante típico da grande cidade costumam ser tão diversas e complicadas, e sobretudo devido à acumulação de tantos homens, com interesses tão diferenciados, as suas relações e actividades enlaçam-se num organismo tão articulado que, sem a mais exacta pontualidade nas promessas e prestações de serviços, o todo se desmembraria num caos inextricável. Se, de repente, em Berlim todos os relógios andassem erradamente em direcções diferentes, mesmo que só pelo espaço de uma hora, toda a sua vida económica e a sua outra actividade comercial ficariam por longo tempo desorganizadas. Acrescente-se, de modo aparentemente ainda mais exterior, a grandeza das distâncias, que transforma toda a espera e viagem perdida num desperdício de tempo insuportável. A técnica da vida na grande cidade não é concebível sem que todas as actividades e relações mútuas tenham sido coordenadas num esquema temporal fixo e supra-subjectivo. Mas também aqui sobressai o que, em geral, pode ser a tarefa plena destas considerações: que, desde qualquer ponto na superfície da existência, por mais que ele pareça emergir apenas nesta e a partir desta, se pode enviar uma sonda para a profundidade da alma, que todas as exterioridades, mesmo as mais banais, estão conexas, no fim de contas, mediante traçados de direcção, com as decisões últimas sobre o sentido e o estilo da vida. A pontualidade, a calculabilidade, a exactidão,

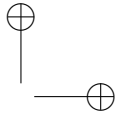
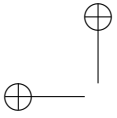




que as complicações e as extensões da vida na grande cidade lhe impõem, estão não só num vínculo estreito com o seu carácter intelectualista e económico-monetário, mas devem igualmente colorir os conteúdos da vida e facilitar a exclusão dos traços essenciais, dos impulsos irracionais, instintivos e soberanos, que de per si pretendem determinar a forma da vida, em vez de a receberem de fora como uma forma universal e esquematicamente definida. Embora as existências autocráticas, por eles caracterizadas, não sejam de modo algum impossíveis na cidade, são todavia contrárias ao seu tipo, e por aí se explica o ódio apaixonado pela grande cidade de naturezas como Ruskin e Nietzsche – naturezas que encontram o valor da vida tão-só no que é peculiar e não-esquemático, e não no que é igualmente especificável para todos, e nas quais, portanto, brota da mesma fonte o ódio contra a economia monetária e contra o intelectualismo da existência.

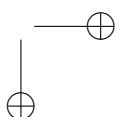
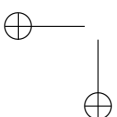
Os mesmos factores que, assim, na exactidão e na precisão de minutos da forma de vida, convergem para uma formação da mais alta impessoalidade, actuam, por outro lado, de um modo altamente pessoal. Talvez não haja nenhum fenómeno anímico, que esteja reservado de modo tão incondicional à grande cidade, como o carácter *blasé*. Ele é, de início, a consequência daqueles estímulos nervosos, que com rapidez se alteram e se condensam nos seus antagonismos, dos quais nos parece provir também a intensificação da intelectualidade na grande cidade; justamente por isso, homens broncos e de antemão sem vida espiritual não costumam ser *blasés*. Assim como uma vida imoderada de prazeres torna *blasé*, porque excita por muito tempo os nervos nas suas reacções mais fortes, até que eles acabam por já não ter nenhuma reacção, assim também as impressões inofensivas, pela rapidez e pela incompatibilidade da sua mudança, forçam os nervos a respostas tão violentas, irrompem para cá e para lá de modo tão brutal, que eles entregam a sua última reserva de forças e, permanecendo no mesmo meio, já não têm tempo para acumular uma nova. A incapacidade, assim origi-

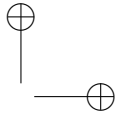
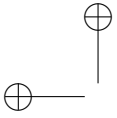




nada, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é justamente aquele carácter *blasé*, que já todo o filho da grande cidade ostenta, em comparação com as crianças de meios mais pacatos e sem alterações.

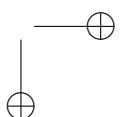
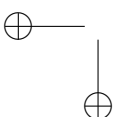
A esta fonte fisiológica do carácter *blasé* da grande cidade junta-se a outra, que flui na economia monetária. A essência do carácter *blasé* é o embotamento perante as diferenças das coisas, não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos estúpidos, mas de um modo tal que o significado e o valor das diferenças das coisas e, assim, das próprias coisas são apreendidos como nulos. Elas aparecem ao *blasé* numa tonalidade uniformemente esbatida e cinzenta, e não vale a pena preferir umas às outras. Esta disposição anímica é o reflexo subjectivo fiel da economia monetária totalmente disseminada; na medida em que o dinheiro contrapesa uniformemente toda a pluralidade das coisas, exprime todas as distinções qualitativas entre elas mediante as diferenças do quanto; na medida em que o dinheiro, com sua ausência de cor e a sua indiferença, se eleva a denominador comum de todos os valores, torna-se o mais terrível nivelador, corrói irremediavelmente o cerne das coisas, a sua peculiaridade, o seu valor específico, a sua incomparabilidade. Todas elas, com o mesmo peso específico, nadam na corrente incessantemente agitada do dinheiro, todas residem no mesmo plano e se distinguem entre si apenas pela grandeza das peças, com as quais se deixam cobrir. Num caso singular, esta coloração, ou melhor, esta descoloração das coisas mediante a sua equivalência com o dinheiro pode ser imperceptivelmente pequena; mas na relação que o rico tem com os objectos que se podem obter por dinheiro, talvez até já no carácter global que o espírito público partilha agora por toda a parte com estes objectos, ele avolumou-se numa grandeza bem perceptível. Eis porque as grandes cidades, sedes da circulação do dinheiro e nas quais a venalidade das coisas se impõe numa extensão de todo diferente do que acontece nas situações mais restritas, são também os verdadeiros locais do carácter

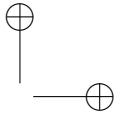
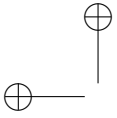




blasé. Nelas culmina de certo modo aquele resultado da concentração de homens e coisas, que estimula o indivíduo à sua máxima actuação nervosa; através da simples intensificação quantitativa das mesmas condições, este resultado inverte-se no seu contrário, no fenómeno peculiar de adaptação que é o carácter *blasé*, em que os nervos descobrem a sua derradeira possibilidade de se ajustar aos conteúdos e à forma da vida na grande cidade, renunciando a reagir a ela – a autoconservação de certas naturezas, à custa de desvalorizar todo o mundo objectivo, acaba então, inevitavelmente, por rebaixar a própria personalidade a um sentimento de igual desvalorização.

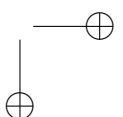
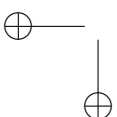
Enquanto o sujeito tem de concertar inteiramente consigo esta forma de existência, a sua autoconservação frente à grande cidade exige-lhe um comportamento não menos negativo de natureza social. A atitude espiritual recíproca dos habitantes da grande cidade poderia denominar-se, do ponto de vista formal, como reserva. Se ao incessante contacto exterior com inúmeros seres humanos se houvesse de responder com outras tantas reacções interiores, como acontece na pequena cidade, em que se conhecem quase todas as pessoas que se encontram e se tem com todas elas uma relação positiva, então surgiria uma total atomização interior e cair-se-ia numa situação anímica de todo inimaginável. Em parte esta circunstância psicológica, em parte o direito à desconfiança, que temos perante os elementos da vida na grande cidade, que passam por nós num contacto fugaz, obriga-nos àquela reserva, devido à qual, muitas vezes, nem sequer conhecemos de vista os vizinhos de muitos anos, e que a nós, habitantes da pequena cidade, tantas vezes no-los faz aparecer como frios e sem ânimo. Sim, se não me engano, o lado íntimo desta reserva exterior não é apenas a indiferença, mas, de modo mais frequente do que conseguimos aperceber-nos, uma leve aversão, uma estranheza e repulsa mútuas que, no momento de um contacto próximo, ocasionado por um motivo qualquer, poderia de repente rebentar em ódio e em luta. A

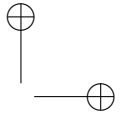
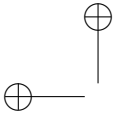




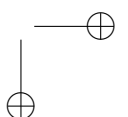
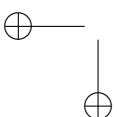
integral organização interior de uma vida de circulação assim tão ampliada baseia-se numa gradação extremamente multifacetada de simpatias, indiferenças e aversões, quer de natureza mais efémera quer mais duradoura. A esfera da indiferença não é tão grande como superficialmente parece; todavia, a actividade da nossa alma responde quase a toda a impressão vinda de outro homem com uma sensibilidade de algum modo determinada, cuja inconsciência, fugacidade e mudança parecem dissolvê-la numa indiferença. De facto, esta última ser-nos-ia tão pouco natural, como insuportável nos é a nebulosidade da incerta sugestão recíproca e, perante estes dois perigos típicos da grande cidade, resguarda-nos a antipatia, a fase latente e prévia do antagonismo prático; ela suscita as distâncias e as evasivas, sem as quais este tipo de vida não se poderia levar a cabo: as suas medidas e as suas misturas, o ritmo de seu surgir e do seu desvanecimento, as formas em que ela se satisfaz – isto constitui, com os motivos unificadores em sentido estrito, um todo inseparável da configuração da vida na grande cidade: o que nesta imediatamente aparece como dissociação é, na realidade, apenas uma das suas formas elementares de socialização.

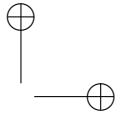
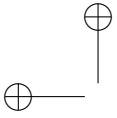
Mas esta reserva, com o harmónico de aversão oculta, surge novamente como forma ou capa de uma essência espiritual muito mais geral da grande cidade. Ela garante ao indivíduo uma espécie e uma medida de liberdade pessoal, para as quais não existe nenhuma analogia noutras situações: remonta assim a uma das grandes tendências evolutivas da vida social em geral, a uma das raras para a qual se pode encontrar uma fórmula aproximadamente universal. O estádio mais antigo das formações sociais, que se encontra tanto nas formações históricas como naquelas que hoje se instituem, é este: um círculo relativamente pequeno, com um fechamento forte perante círculos vizinhos, estranhos ou de algum modo antagónicos, mas com uma união tanto mais estreita em si mesmo, que faculta ao membro singular apenas um espaço restrito para o desdobramento das suas qualidades peculiares e de movi-



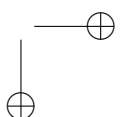
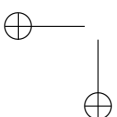


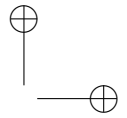
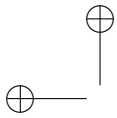
mentos mais livres, de que ele próprio é responsável. Assim começam os grupos políticos e familiares, as formações de partidos, as confrarias religiosas; a autoconservação de associações muito jovens exige um rigoroso estabelecimento de limites e uma unidade centrípeta e não pode, pois, conceder ao indivíduo nenhuma liberdade e particularidade de desenvolvimento interior e exterior. A partir deste estágio, a evolução social prossegue simultaneamente por dois lados diferentes e, no entanto, correspondentes. Na medida em que o grupo cresce, numérica e espacialmente, em significado e em conteúdos de vida – afrouxa-se justamente a sua unidade interna imediata, atenua-se a nitidez da delimitação originária frente aos outros, mediante relações mútuas e conexões; e ao mesmo tempo, no grupo que agora se tornou maior, o indivíduo ganha liberdade de movimento, muito para lá da circunscrição inicial, ciumenta, e uma peculiaridade e particularidade a que a divisão do trabalho proporciona oportunidade e urgência. De acordo com esta fórmula se desenvolveram o Estado e o cristianismo, as corporações, os partidos políticos e inúmeros outros grupos, e tanto mais, naturalmente, as condições e as forças particulares dos indivíduos modificam o esquema geral. Também isto me parece ser claramente reconhecível no desenvolvimento da individualidade, no seio da vida citadina. A vida na pequena cidade, tanto na Antiguidade como na Idade Média, impunha ao singular limites de movimento e das relações para fora, de autonomia e de diferenciação para dentro, sob os quais o homem moderno não conseguiria respirar. Ainda hoje o habitante da grande cidade sente um constrangimento análogo, pelo menos quanto à espécie, quando se muda para uma cidade pequena. Quanto menor for o círculo que constitui o nosso meio, quanto mais definidas forem as relações com outros, mas destruidoras de barreiras, com tanto maior desassossego vigiará ele as realizações, a orientação da vida e as disposições do indivíduo, tanto mais cedo uma especificação quantitativa e qualitativa faria explodir o enquadramento do todo. A antiga pólis



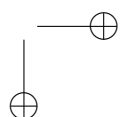
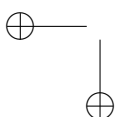


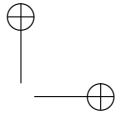
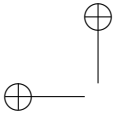
parece, neste sentido, ter possuído inteiramente o carácter de pequena cidade. A ameaça constante da sua existência por inimigos de perto e de longe originou aquela coesão rígida na situação política e militar, aquela vigilância do cidadão pelo cidadão, aquele ciúme do todo perante o singular, cuja vida privada era abafada em tal medida que, quando muito, ele podia encontrar uma compensação mediante o despotismo relativamente à sua casa. A enorme mobilidade e agitação, o colorido único da vida ateniense explica-se talvez pelo facto de que um povo de personalidades configuradas de modo incomparavelmente individual lutava contra a permanente pressão interna e externa de uma pequena cidade desindividualizadora. Isto gerou uma atmosfera de tensão, em que os mais fracos foram submetidos e os mais fortes foram estimulados às mais apaixonadas confirmações de si mesmos. E justamente assim se chegou em Atenas ao florescimento que se há-de designar, sem o conseguir circunscrever com exactidão, como o "universalmente humano" no desenvolvimento espiritual de nossa espécie. Pois este é o contexto cuja validade objectiva e histórica aqui se afirma: os conteúdos e formas de vida mais amplos e universais estão intimamente associados aos mais individuais; ambos têm o seu comum estádio prévio ou mesmo o seu opositor comum, nas configurações e nos agrupamentos restritos, cuja autoconservação os põe em guarda tanto contra a amplitude e a universalidade a eles exterior, como contra o que dentro deles se move livremente e é individual. Assim como na época feudal o homem "livre" era o que estava sob o direito costumeiro do lugar, isto é, sob o direito do maior círculo social, mas não era livre quem obtinha o seu direito apenas do círculo restrito de uma corporação feudal, com exclusão daquele – assim também hoje, num sentido aprimorado e espiritualizado, é "livre" o habitante da grande cidade, em contraposição às minudências e aos preconceitos que coarctam o habitante da pequena cidade. De facto, a reserva e a indiferença mútuas, as condições espirituais de vida dos círculos mais vastos, nunca foram sentidas



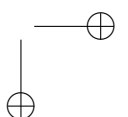
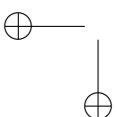


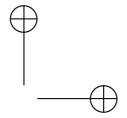
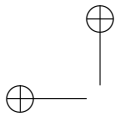
de modo mais forte, no seu efeito para a independência do indivíduo, do que na turba mais compacta da grande cidade, porque o aperto e a proximidade corporal é que tornam verdadeiramente explícita a distância espiritual; e, claro está, é apenas o reverso desta liberdade se, sob certas circunstâncias, em nenhum lugar alguém se sente tão solitário e abandonado como justamente na multidão da grande cidade; pois aqui, como sempre, não é necessário que a liberdade do homem se espelhe na sua vida emotiva como bem-estar. Não é apenas a grandeza imediata de comarca e número de pessoas que, em virtude da correlação histórico-universal entre o alargamento do círculo e a liberdade interior e exterior pessoal, faz da grande cidade o local desta última, mas, indo além desta vastidão explícita, as grandes cidades tornaram-se também os locais do cosmopolitismo. De modo comparável à forma do desenvolvimento dos recursos – para lá de uma determinada grandeza a propriedade costuma crescer em progressões cada vez mais rápidas e como que por si mesma –, o horizonte, as relações económicas, pessoais e espirituais da cidade, os seus arrabaldes ideais ampliam-se como que em progressão geométrica, logo que ultrapassam um determinado limite; cada expansão dinâmica realizada torna-se um degrau, não para uma expansão ulterior igual, mas para uma maior; em cada fio que a partir dela se tece crescem, como que por si mesmos, incessantemente outros novos, da mesma forma que no interior da cidade o *unearned increment* da renda fundiária aduz ao proprietário ganhos que brotam por si, mediante o simples aumento do tráfico. A quantidade da vida converte-se neste ponto, de modo muito imediato, em qualidade e carácter. A esfera vital da pequena cidade é, no fundo, fechada em si e consigo mesma. Para a grande cidade é decisivo que a sua vida interior se espraie em ímpetos ondulatórios sobre um território nacional ou internacional mais amplo. Weimar não é nenhum contra-exemplo, porque o seu significado estava ligado a personalidades singulares e com elas morreu, enquanto a grande cidade se caracteriza precisamente pela sua independência





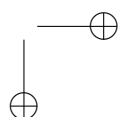
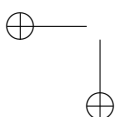
essencial, mesmo relativamente às personalidades individuais mais significativas – o reverso e o preço da independência, que o singular desfruta no seu seio. A essência mais significativa da grande cidade reside nesta grandeza funcional, para além dos seus limites físicos: e esta eficácia retroage de novo sobre si mesma e confere peso, consideração e responsabilidade à sua vida. Assim como um ser humano não acaba nas fronteiras do seu corpo ou da sua região, que ele preenche directamente com a sua actividade, mas somente na soma dos efeitos que dele temporal e espacialmente irradiam, assim também uma cidade consta da totalidade dos seus efeitos, que vão além da sua imediatidade. É este o seu âmbito real, no qual se expressa o seu ser. Isso indica já que a liberdade individual, o membro complementar lógico e histórico de semelhante amplitude, se não há-de compreender apenas em sentido negativo, como simples liberdade de movimento e eliminação de preconceitos e filisteísmos; o seu traço essencial consiste, de facto, em que a particularidade e a incomparabilidade que, ao fim e ao cabo, toda a natureza possui, se exprime na configuração da vida. Que sigamos as leis da natureza própria, e tal é decerto a liberdade, torna-se-nos de todo claro e convincente, bem como aos outros, só quando as manifestações desta natureza se distinguem também das outras; só a nossa não-permutabilidade com os outros testemunha que o nosso modo de existência não nos é imposto pelos outros. As cidades são, antes de mais, os locais da mais elevada divisão económica do trabalho; suscitam assim fenómenos tão extremos como, em Paris, a lucrativa profissão do *quatorzième*: pessoas, que se dão a conhecer por letreiros nas suas casas, que à hora do jantar estão prontas, com trajes adequados, para serem rapidamente trazidas ao lugar onde, numa reunião, 13 estejam à mesa. A cidade, justamente na medida da sua expansão, oferece cada vez mais as condições decisivas da divisão do trabalho: um círculo que, graças à sua grandeza, é capaz de acolher uma variedade extremamente múltipla de prestações de serviços, enquanto, ao mesmo tempo, a concentração dos

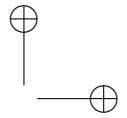
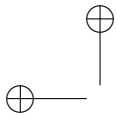




indivíduos e a sua luta pelo cliente obrigam o singular a uma especialização do trabalho, no qual ele não possa ser tão facilmente desalojado por outro. O decisivo é que a vida citadina transformou a luta com a natureza em vista da obtenção do alimento numa luta entre os seres humanos, de sorte que o ganho que se disputa não é aqui concedido pela natureza, mas pelos homens. Pois aqui flui não só a fonte mencionada da especialização, mas também a fonte mais profunda: quem oferece deve tentar despertar necessidades sempre novas e mais específicas naqueles que galanteia. A necessidade de especializar o trabalho para encontrar uma fonte de ganho ainda não esgotada, uma função não facilmente substituível, estimula a diferenciação, o refinamento, o enriquecimento das necessidades do público, as quais, claro está, acabam por conduzir a diferenças pessoais crescentes no interior deste público.

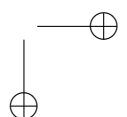
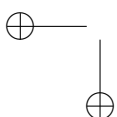
E isto conduz à individualização espiritual, em sentido estrito, das qualidades anímicas, favorecida pela cidade em relação com a sua grandeza. Uma série de causas se torna evidente. Antes de mais, a dificuldade de fazer valer a personalidade própria nas dimensões da vida na grande cidade. Onde o incremento quantitativo de significado e de energia se aproxima dos seus limites, o homem agarra-se à particularização qualitativa para que, através da estimulação da sensibilidade à diferença, ganhe de algum modo para si a consciência do círculo social: o que acaba então por aliciar às excentricidades mais tendenciosas, às extravagâncias específicas da grande cidade, como o ser-original, o capricho, o preciosismo, cujo sentido já não reside nos conteúdos de tal comportamento, mas apenas na sua forma de ser diferente, de se destacar e, assim, de se tornar notado – para muitas naturezas, no fim de contas, o único meio de preservar para si, mediante o desvio pela consciência dos outros, alguma auto-estima e a consciência de ocupar um lugar. No mesmo sentido actua um factor inaparente, mas que de modo perceptível soma os seus efeitos: a brevidade e a raridade dos encontros com os outros, dispensados a cada indivíduo – com-

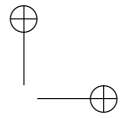
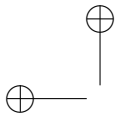




parados com o tráfico da pequena cidade. De facto, a tentação de se apresentar de modo mais notório, concentrado e, quanto possível, característico torna-se extraordinariamente mais sugestiva do que onde o trato frequente e longo já no outro propicia uma imagem inequívoca da personalidade.

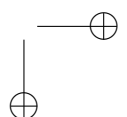
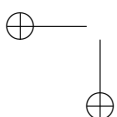
Parece-me ser este o motivo mais profundo pelo qual justamente a grande cidade sugere o impulso para uma existência pessoal mais individualizada – pouco importa se sempre com razão e com êxito. O desenvolvimento da cultura moderna caracteriza-se pela preponderância daquilo que se pode chamar espírito objectivo sobre o espírito subjectivo, isto é, na linguagem e no direito, na técnica produtiva e na arte, na ciência e nos objectos do âmbito doméstico encarna uma soma de espírito, cujo incremento quotidiano é acompanhado apenas de modo muito incompleto e a uma distância cada vez maior pelo desenvolvimento espiritual dos sujeitos. Se, por exemplo, percorrermos com o olhar a cultura ingente que, desde há 100 anos, se corporificou em coisas e em conhecimentos, em instituições e em conforto, e a compararmos com o progresso cultural dos indivíduos no mesmo período – pelo menos nas classes mais elevadas –, surge uma terrível diferença de riqueza entre as duas, e até, em muitos pontos, um retrocesso da cultura dos indivíduos no tocante à espiritualidade, à delicadeza e ao idealismo. Esta discrepância é sobretudo o resultado da crescente divisão do trabalho; pois esta exige do singular uma actividade cada vez mais unilateral, cuja intensificação extrema deixa, com assaz frequência, atrofiar a sua personalidade como um todo. De qualquer modo, o indivíduo está cada vez menos capacitado frente à sufocação pela cultura objectiva. Talvez de modo menos consciente do que na prática e nos obscuros sentimentos que dela emanam, ele foi rebaixado a uma *quantité négligeable*, a um grão de areia numa organização monstruosa de coisas e de potências, que gradualmente lhe subtraem todos os progressos, espiritualidades e valores e os transferem da forma da vida subjectiva para a forma da vida puramente

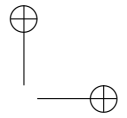
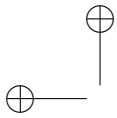




objectiva. Falta indicar apenas que as grandes cidades são os verdadeiros cenários desta cultura, que cresce para além de tudo o que é pessoal. Oferece-se aqui, nas construções e nos estabelecimentos de ensino, nos prodígios e nos confortos da técnica que sobrepuja o espaço, nas formações da vida comunitária e nas instituições visíveis do Estado, uma plenitude tão subjugante de espírito cristalizado, feito impessoal, que a personalidade, por assim dizer, não se lhe pode contrapor. Por um lado, a vida torna-se infinitamente mais fácil, na medida em que estímulos, interesses, preenchimentos de tempo e de consciência se lhe oferecem de todos os lados e os sustentam como que numa corrente, na qual dificilmente se precisa ainda dos movimentos próprios para nadar. Mas, por outro, a vida compõe-se cada vez mais destes conteúdos e destas ofertas impessoais, que pretendem reprimir as colorações e as incomparabilidades francamente pessoais; e de tal modo que, para salvar o que há de mais pessoal, é necessário convocar algo de extremo em peculiaridade e singularidade; há que exagerá-lo, ainda que seja só para se tornar audível, inclusive para si mesmo. A atrofia da cultura individual mediante a hipertrofia da cultura objectiva é um fundamento do ódio obstinado que os pregadores do individualismo extremo, com Nietzsche à cabeça, nutrem contra as grandes cidades; mas é também uma razão pela qual eles são tão apaixonadamente benquistos, justamente nas grandes cidades, pois aparecem ao habitante destas últimas como os arautos e os libertadores da sua mais insatisfeita nostalgia.

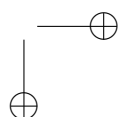
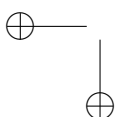
Na medida em que estas duas formas de individualismo, alimentadas pelas relações quantitativas da grande cidade – a autonomia individual e a formação da especificidade pessoal – se esquadrinham na sua situação histórica, a grande cidade adquire um valor inteiramente novo na história universal do espírito. O século XVIII encontrou o indivíduo em conexões constrictivas, já absurdas, de tipo político e agrário, corporativo e religioso – restrições que impunham ao homem, por assim dizer, uma forma não natu-

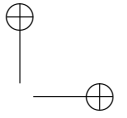
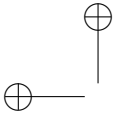




ral e desigualdades há muito injustas. Nesta situação irrompeu o clamor pela liberdade e igualdade – a fé na plena liberdade de movimento do indivíduo em todas as relações sociais e espirituais, que de imediato deixaria sobressair em todos o cerne nobre e comum, tal como a natureza o teria plantado em cada um e a sociedade e a história o teriam apenas deformado. Ao lado deste ideal do liberalismo, cresceu no século XIX, através de Goethe e do Romantismo, e ainda graças à divisão económica do trabalho, a ideia seguinte: os indivíduos, libertos dos vínculos históricos, querem agora também distinguir-se uns dos outros. O suporte do seu valor já não é agora o "homem universal" em cada singular, mas justamente a unicidade e a não permutabilidade qualitativas. Na luta e nos enlaçamentos recíprocos destas duas formas, para determinar o papel do sujeito no seio da totalidade, decorre a história interior e exterior da nossa época. A função das grandes cidades é prover o lugar para o conflito e para as tentativas de unificação das duas, na medida em que as suas condições peculiares se nos revelaram como ocasiões e estímulos para o desenvolvimento de ambas. As grandes cidades adquirem assim um lugar absolutamente único, grávido de infinitos significados, no desfraldar da existência anímica; mostram-se como uma daquelas grandes formações históricas em que as correntes opostas que rodeiam a vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos. Mas, deste modo, sejam-nos simpáticos ou antipáticos os seus fenómenos singulares, elas saem inteiramente do âmbito frente ao qual nos convinha a atitude do juiz. Na medida em que tais potências se entranharam na raiz e na coroa de toda a vida histórica, da qual fazemos parte na existência fugidia de uma célula – a nossa tarefa não é acusar ou perdoar, mas tão-só compreender¹.

¹ O conteúdo desta conferência, quanto à sua índole, não remonta a uma literatura específica. A fundamentação e a exposição das suas ideias histórico-culturais centrais oferecem-se na minha *Philosophie des Geldes* [filosofia do dinheiro].





* * *

[Nota do tradutor]

Agradeço ao editor, Joaquim Soares da Costa, da Texto e Gráfica, a amável autorização para, desde já, se proporcionar aos cultores e apreciadores da filosofia, portugueses e outros, a ocasião de saborear este texto de Georg Simmel sobre a relação entre a grande cidade e a vida do espírito.

Este escrito faz parte do pequeno volume, *Psicologia do dinheiro e outros ensaios*, que sairá no próximo mês de Setembro; além do presente, que data de 1903, contém ainda mais três artigos do grande mestre: *Psicologia do dinheiro* (1890), *O dinheiro na cultura moderna* (1896) e *Sobre a avareza, o esbanjamento e a pobreza* (1899).

A versão aqui proposta baseou-se no texto alemão da *Gesamtausgabe* [Edição integral] em 24 volumes, levada a efeito pela Suhrkamp, e que figura hoje como a referência mais fidedigna dos escritos do filósofo.

